

ENTRELACE ENTRE APRENDIZAGEM E O PAPEL SOCIAL DO AFRO-BRASILEIRO REPRESENTADO EM UMA OBRA INFANTO-JUVENIL

Germana Ponce de Leon Ramírez

Introdução

É na prática pedagógica do dia a dia que os valores são aprendidos na escola. Afinal, a criança é um ser social, membro de um grupo com cultura e linguagem próprias que se esforçará para reproduzir gestos, expressões faciais, sons etc. Desse modo, a criança entenderá o ambiente em que vive através da imitação tendo início ao processo de construção da sua identidade. A maneira que cada indivíduo se vê fruto de como é visto pelas pessoas que estão a sua volta. Como também, pela maneira que seus traços individuais são vistos pelos professores e pelo grupo étnico no qual ela pertence. Isso tem grande influência na personalidade da criança, na autoestima e, principalmente, na construção de sua identidade. (MUNANGA, 2005; WALLON, 1989).

Na construção da identidade a criança recebe influência da aprendizagem que ocorre no âmbito escolar, na sua moradia, nas relações interpessoais, entre outros. Dessa maneira, os materiais didáticos e de apoio pedagógico passam a contribuir nesse processo dinâmico de aprendizagem. Com isso entende-se que os paradidáticos usados nas escolas ou lidos em outros ambientes como biblioteca pública e até mesmo adquiridos particularmente servem de suporte no processo de construção da identidade da criança.

Com isso, este trabalho tem como objetivo analisar o papel social do afro-brasileiro(a) em uma obra de literatura infanto-juvenil intitulada de 'Um Menino Chamado Raddyssone mais os meninos de Portinari'. Entendendo que essa obra é um exemplo de tantas outras, que estando ao alcance de crianças leitoras ou de professores que se utilizam desses materiais pedagógicos, podem estar contribuindo para a valorização do ser negro(a) ou dando perpetuidade a um pensamento etnocêntrico e discriminatório. A depender de como esse material é usado.

Dessa feita, este material se desdobra em três partes. A primeira retrata sinteticamente acerca do caminho metodológico percorrido para a construção deste escrito. Já a segunda parte trata-se da função social do paradidático. O terceiro tópico aponta o olhar sobre o paradidático infanto-juvenil em questão. E por fim as considerações finais.

Metodologia

Metodologicamente, esta pesquisa se inscreve como sendo qualitativa e caracteriza-se por ser uma análise documental. Pois como diz Gil (2008) a análise documental se caracteriza por ser constituída de materiais que ainda não tiveram um

tratamento analítico, pois esses materiais podem contribuir com suas informações para o âmbito acadêmico. No caso, o documento aqui é o paradidático infanto-juvenil intitulado de 'Um Menino Chamado Raddysone mais os meninos de Portinari'.

Para a análise do documento aplicou-se as técnicas da análise de conteúdo segundo Bardin (2016). Dessa maneira, realizou-se uma leitura flutuante, a *posteriori* fez-se a categorização em um processo de codificação, interpretação e de inferências sobre as informações contidas na referida obra infanto-juvenil. Elaborou-se unidades de análise ou núcleos de significado que sistematizaram um conjunto de assuntos, os quais são expressos aqui em formato de perguntas: qual o papel social desempenhado pelo personagem negro no referido paradidático? Como se configura a vida desse personagem? Como se estabelecem as relações interpessoais entre os personagens? Como esse personagem negro é representado pelo ilustrador? Em que classe social o personagem negro se enquadra? Quais os atributos positivos e negativos inerentes ao personagem negro?

Algumas palavras sobre função social da literatura infanto-juvenil

A literatura infantil está vinculada à história da própria concepção de infância. Os primeiros livros para crianças foram produzidos na Europa entre os séculos XVII ao XVIII. Antes disso não se escrevia para crianças, pois não se considerava que existia infância. As crianças eram vistas como adultos em miniatura, dessa forma, as crianças e adultos compartilhavam os mesmos eventos sociais e escritos. Diante de todo contexto sociocultural e econômico, que surge em decorrência da Revolução Industrial, tem-se a necessidade de inserção à educação da classe social predestinada ao trabalho, o proletariado. É nesse contexto que na França, no século XVIII, na monarquia de Luiz XIV, manifestava-se a preocupação em construir literatura para crianças e jovens a qual tem seus fundamentos nas fábulas. (ARIÈS, 1981).

No Brasil a literatura infantil surge com a implantação da Imprensa Régia, e em 1808 inicia-se, timidamente, a publicação dos primeiros livros para crianças. Todavia, com a Proclamação da República, o processo de impressão se consolida devido as boas circunstâncias econômicas em que o Brasil se encontrava devido a produção e exportação do café. A *posteriori* no século XX com a chegada da industrialização no Brasil e, por conseguinte, a expansão da urbanização principalmente na região sudeste brasileira, percebe-se a valorização da escola como instituição fundamental na adaptação do camponês em espaço urbano. Nesse contexto, o público infantil passa a consumir livros com histórias que provinham da Europa e tinham um projeto educativo, uma ideologia eurocêntrica e positivista. O intuito era ensinar a obediência; à ordem social nas escolas por meio da literatura infantil. (ARROYO, 1968; ZILBERMAN, 1990).

É importante destacar que os paradidáticos que surgem por volta da década de 1960, têm características distintas dos didáticos, porque não seguem uma sequência de conteúdo, possuindo características próprias servindo de apoio às atividades do educando. Possui um estilo informal que tem o intuito de ampliar o leque de conhecimento da visão de mundo e realizar um diálogo entre o conteúdo escolar e o cotidiano da criança por meio do conhecimento e apreciação de textos orais e escritos. (SOUZA, 2014).

O uso do paradidático tem função social porque proporciona informações, favorece construções sociais acerca do que se trata. Nesse escopo, esse recurso pode ser um subsídio para as instituições de ensino e, portanto, para professores no sentido de proporcionar às crianças informações, conhecimentos, e ainda, diversão. Além de possibilitar a formação de leitores críticos, a literatura infantil pode interferir na formação do caráter; na formação do pensamento coletivo. Nesse processo de leitura a criança passa a ter mais parâmetros para fazer comparações e selecionar os livros que mais tem aproximação com suas vidas, realidades ou cotidianos. (LIMA, 2005).

É importante lembrar que a escola também tem um papel importante, no processo de incentivo à leitura. Cabe à instituição educacional proporcionar aos alunos o acesso a um material pedagógico de incentivo à leitura, ter uma biblioteca rica em opções que atinja a todas as idades, entre outros. É importante ressaltar que o ambiente escolar tem um fator essencial na aquisição do hábito da leitura e formação do leitor, pois mesmo com suas limitações, ela é o espaço destinado ao aprendizado da leitura. Dessa maneira, não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente quando as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler e isso pode proporcionar, de alguma forma, maior qualidade em suas vidas. E nessa direção, a escola tem grande influência na formação da identidade das crianças, servindo como meio de prevenção e diminuição ao preconceito, como também, pode ser um veículo para a perpetuidade do racismo. (BRASIL, 1998; MUNANGA, 2005).

Os professores têm um papel fundamental na formação de seus alunos, além de ensinar os conteúdos, são considerados modelos. E dessa maneira, é importante que a paixão pela leitura parta primeiramente do professor. Ressalta-se que muitas vezes o professor deixa de ler certos textos, livros para os alunos por considerar que a linguagem não será compreendida pelos discentes. Outras vezes o professor troca certas palavras que acreditam ser difíceis para a criança. Esses exemplos demonstram que o professor retira da criança a oportunidade de ampliação do vocabulário. Pois não é possível aprender ler textos difíceis lendo textos fáceis; os textos fáceis só habilitam para se continuar lendo textos fáceis. (BRASIL, 1998).

No contexto escolar é importante que o professor trabalhe a leitura diariamente. Sugere-se que, para o uso da leitura em sala de aula, como um incentivo à mesma, as seguintes estratégias: leitura silenciosa, leitura em voz alta, leitura colaborativa, projetos de leituras, hora da leitura ou hora da história, etc.

Os docentes possuem uma ferramenta preciosa em suas mãos, mas muitas vezes nem se dão conta do poder que tem em relação ao desenvolvimento de um indivíduo em seu aspecto individual e pessoal. Para formar alunos que sintam interesse pelo hábito de ler de maneira espontânea é necessário que o mesmo dê condições para que esse ensino aconteça. (BRASIL, 1998).

Maimoni e Bertone (2001) ressaltam que a literatura é indispensável no ambiente escolar e mostra a necessidade de a criança entender o que acontece ao seu redor e, por conseguinte, ser capaz de interpretar situações distintas e escolher os caminhos com os quais se identifica. A criança precisa entrar em contato com uma gama diversificada de literaturas porque a literatura é uma ferramenta que descreve uma representação do real e isso se dá no estabelecimento do diálogo com outras práticas culturais.

O professor tem significativa influência na vida do aluno, independentemente da idade de ambos, causando um impacto na vida do aluno pela maneira de se relacionar e pela forma que o envolve e o motiva. Ainda nesse contexto, o espaço escolar, em todos os níveis, tem a capacidade de propiciar mudanças por meio de conhecimento, debate e reflexão acerca do preconceito, estereótipo e discriminação que permeiam a sociedade brasileira. (PONCE DE LEON *et al*, 2012; SUÁREZ, 2013).

Não se pode responsabilizar as pessoas pelo que elas aprendem sobre preconceito e racismo, na família, escola e meios de comunicação. Mas a partir do momento em que o indivíduo adquiriu uma maior compreensão sobre esse processo, deve criar consciência e responsabilidade e tentar reverter, modificar e interromper esse ciclo de opressão e mudar seu comportamento. Como interromper o ciclo de opressão? Para Munanga (2005) a primeira atitude a ser tomada é a confissão de que a sociedade brasileira, em relação às outras sociedades, é ideologicamente apontada como racista. Posteriormente, é importante tomar outra atitude, inventar estratégias educativas e pedagógicas no combate ao racismo e na desconstrução de estereótipos que interferem na formação da criança afro-brasileira.

Depreciar para ensinar?

O paradidático intitulado de 'Um menino chamado Raddysson e mais os meninos de Portinari' foi escrito por Ziraldo Alves Pinto, escritor que nasceu no dia 24 de outubro de 1932 em Caratinga, Minas Gerais. Ele é pintor, cartazista, jornalista, teatrólogo, chargista, caricaturista e escritor. O auge de sua carreira foi em 1960 com o lançamento da primeira revista em quadrinhos brasileira chamada de *A Turma do Pererê*. Durante a Ditadura Militar (1964-1984) fundou com outros humoristas 'O Pasquim'. Em 1969 esse autor publicou o seu primeiro livro infantil intitulado de FLICTS e a partir de 1979 concentrou-se na produção de livros para crianças, lançando em 1980 'O Menino Maluquinho'. Posteriormente, em momentos distintos escreveu 1.543 obras. (PINTO, 2014).

Provavelmente a intenção do referido autor em escrever 'O menino chamado Raddysson e mais os meninos de Portinari', como também, a coleção 'A turma do Pererê', foi também a de inserir o personagem negro nas histórias para um público infanto-juvenil. Mas, sem colocar em jogo as intenções do autor far-se-á aqui uma análise sob duas perspectivas: a de que o referido livro pode ser um meio de mostrar a possibilidade de mudança e ascensão social ou a de perpetuar a imagem estereotipada negativamente diante de uma conjuntura cujo pensamento hegemônico é o etnocêntrico.

No processo de análise do livro infanto-juvenil intitulado de 'Um menino chamado Raddysson e mais os meninos de Portinari' identifica-se na capa do livro uma representação ilustrativa de um garoto negro, o que deixa claro que o personagem central é de origem africana. A "[...] obra literária, porém, transmite mensagens não apenas através do texto escrito. As imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado" (LIMA, 2005, p. 101).

A história contida no livro intitulado 'Um menino chamado Raddysson' inicia-se com a retratação de uma situação de pobreza, quando o pai do personagem principal é analfabeto e o abandona ainda bebê. O livro ilustra uma situação

socioeconômica cujas necessidades essenciais de uma sociedade capitalista são expressas na vida do garoto Raddysson.

Ainda com base nas informações contidas no referido paradidático, a história relata que o personagem principal é proveniente de uma família desestruturada e que todos os seus amigos não têm um pai presente. Esses amigos são descritos como pessoas ruins.

Lima (2005, p. 102) enfatiza sobre a importância de se ter um olhar crítico na construção ideológica dos livros infanto-juvenis. Pois a imagem age como um instrumento de dominação por meio de "códigos embutidos em enredos racialistas, comumente extensões das representações das populações colonizadas". Percebe-se uma violência simbólica vincular o negro e enxergá-lo como inferiorizado.

O livro infanto-juvenil em análise, relata sua história em um contexto de favela cujas cenas se desdobram em espaços perigosos (termos utilizados pelo autor) e situações que colocam todas as crianças em papéis sociais de criminalidade como pequenos infratores da lei. Essas crianças são descritas como "soltas nas ruas"; com agilidade em "pegar uma bolsa"; de "saltar sobre os carros". Ou seja, crianças com habilidades infratoras e com seus futuros destinados à marginalidade.

No decorrer da história o personagem negro Raddysson cresce e se torna um jogador de futebol bem-sucedido fora do Brasil. Todavia, ele não tem família porque a única responsável (sua mãe) havia morrido; seus amigos desapareceram. Já no desfecho da história e em formato de noticiário jornalístico acerca da vida do Raddysson e de uma de suas colegas de rua, chamada Rosykeller. É mostrado o desenlace da vida do Raddysson indicando que ele consegue ser um jogador de futebol em Artzbaião e passa a constituir uma família. Em outras palavras, o final do livro mostra a superação da predestinação social do personagem Raddysson e ao invés de ele continuar na favela e se envolver com drogas, roubo etc., sua vida é mudada. E quanto a sua colega Rosykeller, é indicada uma mudança de vida por meio do acolhimento de instituições protetoras de menores, e ainda, por ela ter acesso à livros e, portanto, à leitura, ela consegue estudar medicina fora do Brasil. O escritor finaliza o livro ressaltando a possibilidade de 'salvação' de outras crianças.

A princípio essa obra pode ser lida como contendo uma história de superação. Entretanto, a questão é que além da superação existe uma reafirmação de um pensamento cuja origem está na discriminação entre pessoas de etnias distintas. E uma pergunta reflexiva vem espontaneamente: por que a pobreza está vinculada à cor da pele? Esse personagem precisa ter traços afrodescendentes?

O material pedagógico pode ser um meio para instigar a reflexão e até mudança de atitude. Todavia, quando esse material, no caso o paradidático, disponibilizado muitas vezes nas bibliotecas das escolas, pode ter uma influência negativa no sentido de se caracterizar como um propagador ideológico do pensamento etnocêntrico que desfavorece e desqualifica a criança negra.

É importante salientar que quando há situações cujos estereótipos negativos estão relacionados aos negros, os quais são desenvolvidos através do imaginário social, a criança internaliza esses estereótipos e constrói uma imagem de si depreciada, desvalorizada. Nesse contexto, o uso de paradidáticos às vezes pode ser por imposição da direção escolar, usando de sua autoridade ou por vínculos com alguma editora. Porém o ideal é que o professor tenha o acesso à sua escolha. É importante que o professor leve em consideração o plano global da escola, visando

seus objetivos, metas e interesses para que se possa fazer uma boa escolha. (GOMES, 2003; MUNANGA, 2005).

A utilização de um livro paradidático não é uma tarefa simples, pois exige que os alunos e o professor estejam envolvidos no processo de ensino aprendizagem. Desse modo, o professor pode trabalhar com o livro paradidático de maneiras diferentes. Mas para conseguir fazer isso ele deve ter um bom planejamento e estar sempre muito informado, buscando sempre novidades para acrescentar no aprendizado do aluno. Os textos paradidáticos são materiais, constituídos de informações objetivas que pretendem difundir conhecimento e informação. De maneira geral, abordam assuntos ligados às matérias do currículo regular, de forma a complementar aos livros didáticos. Nessa direção Silva (2005) assevera que o material didático, utilizado em sala de aula, pode servir como um instrumento gerador de consciência crítica.

Considera-se, portanto, que o livro paradidático se configura em um recurso importante para gerar mudanças no ensino e aprendizado do aluno. Pois estabelece fonte de consulta tanto para o docente quanto para o discente. Além de promover uma diversificação em relação aos recursos didáticos, tornam suas aulas mais atrativas e dinâmicas. É importante, nesse contexto, que sejam desencadeadas muitas visões a partir da leitura dos livros para que proporcione reflexão por parte da criança e assim, aconteça um processo de humanização por meio da leitura. (REIS, TORRES e COSTA, 2016).

Porém, certos professores, não possuem uma formação e preparo acerca da diversidade étnica e as ações discriminatórias que permeiam essa temática. E ainda, por preconceitos neles introjetados, desconhecem como interferir em situações de discriminação. Como também, não sabem discutir sobre a diversidade nem conscientizar os alunos sobre a importância do respeito ao outro, da diversidade cultural e étnica e, por conseguinte da identidade cultural nacional brasileira. (MUNANGA, 2005).

Cavalleiro (1998) pontua três aspectos importantes em relação ao despreparo do professor e a consequência que isso traz aos seus alunos. O primeiro ponto é a dificuldade para constatar os problemas que surgem na convivência entre crianças de diferentes grupos étnicos. Segundo ponto, as ideias preconceituosas que incluem a cor da pele já são interiorizadas nas cabeças das crianças de idade pré-escolar, o último ponto refere-se ao silêncio do professor diante de atitudes preconceituosas, que acarreta o desenvolvimento do preconceito e a ocorrência de discriminação no espaço escolar.

Muitas vezes o que desestimula o aluno negro e prejudica seu aprendizado é o preconceito internalizado no professor e sua falta de preparo em lidar, profissionalmente, com a diversidade étnica. É importante que se tenha consciência de que os livros e materiais pedagógicos são carregados de situações preconceituosas. Isso acarreta, como consequência, em um alto número de repetência e evasão do alunado negro. Nesse contexto, o professor passa a ter uma responsabilidade e desafio maiores no combate à discriminação. (MUNANGA, 2005).

Henrique (2002) ressalta que a inclusão nos currículos escolares de disciplinas que valorizem a cultura afro-brasileira pode contribuir para o resgate da autoestima das crianças negras. O investimento na formação e preparação do corpo docente para lidar com o racismo e preconceito é uma forma de diminuir o preconceito no

espaço escolar e contribuir com a formação da criança, tanto em relação sua aprendizagem quanto na formação de uma identidade cultural.

Alguns fatores interferem na construção da identidade da criança como a propagação do preconceito, atos discriminatórios e uso de estereótipos. O negro está sujeito a esse complexo mecanismo manipulador de identidade, como ocorre com todos os indivíduos. Todavia, tem presença mais significativa aos afro-brasileiros. (PEREIRA, 2002).

Munanga (2005) ainda ressalta que não existe no mundo leis que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas e estereótipos negativos que existem nas cabeças das pessoas que são provenientes de sistemas culturais de todas as sociedades humanas. Contudo, a educação é capaz de conceber às crianças, jovens e adultos a possibilidade de poder questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre os indivíduos que foram postos pela cultura racista, na qual foram socializados.

Considerações Finais

Mediante a violência moral experimentada pela criança negra e a negação do direito de uma imagem positivada que incide em sua autoestima, considera-se necessário tratar essa problemática levando em consideração a construção consciente de materiais pedagógicos que contribuam com a reflexão dos estereótipos negativos que já existe em meios de ensino informal. É preciso se ter consciência do poder das ferramentas usadas nos espaços escolares e de ensino informal para a divulgação, tanto de uma história estereotipada, quanto positiva. Pois é sabido que essas informações interferem diretamente no desenvolvimento da identidade da criança negra.

Dessa forma, os paradidáticos que contemplam em sua aparência uma história que poderia contribuir positivamente, pode trazer uma mensagem preconceituosa e racista implícita. Pois no caso do paradidático analisado percebe-se que os adjetivos negativos são enfatizados e agregados. Isso traz a necessidade de reflexão de como o professor pode estar utilizando esse material.

O ser humano é resultado de uma educação eurocêntrica que o leva a reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam a sociedade na qual ele está inserido. O instrumento do professor na educação infantil, em sala de aula, como livros e outros materiais pedagógicos visuais e audiovisuais, podem trazer em seu contexto os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituosos da sociedade.

Dessa feita, é necessário que os gestores escolares e os professores atentem para o uso adequado dos materiais pedagógicos e em especial os paradidáticos. Porque, mesmo que um material contenha ilustrações estereotipadas negativamente e uma história de sofrimento com o final feliz, o professor pode em sua abordagem sobre o material com os alunos, destacar o que é relevante no que tange à valorização do ser negro(a).

Referências

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC; 1981.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para sua história e fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Edição revista e ampliada. 3ª reimpressão da 1ª edição. São Paulo: Edições, 2016.

BRASIL. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 3º vol., 1998.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. Dissertação de Mestrado em educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1998.

GOMES, Nilma Lino. *Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

HENRIQUES, Ricardo. *Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas na educação*. Brasília: UNESCO, 2002.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens Negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: *MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o Racismo na Escola*. Brasília: Ministério da educação, Secretária da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 101-115. 2005.

MAIMONI, Eulália Henriques; BERTONE, Márcia Elizabeth. *Colaboração família-escola em um procedimento de leitura para alunos de séries iniciais*. Psicol. Esc. Educ., v. 5, n. 1, p. 37 -48, jan. -jun. 2001.

MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. Ministério da educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PEREIRA, Marcos Emanuel. *Psicologia social dos estereótipos*. São Paulo: Edusp, 2002.

PINTO, Zivaldo Alves. *O menino chamado Raddysson e mais os meninos de Portinari*. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

PONCE de LEON, Germana; HOSOKAWA, Elder e KOLDINSKY, Mariana Priscila. *Preconceito e estereótipo: o quanto se conhece sobre os povos indígenas*. In: *IV congresso internacional de educação, pesquisa e gestão, 2012, Ponta Grossa. Anais do IV Congresso Internacional de Educação*. Ponta Grossa: editora da UEPG, 2012.

REIS, Mariana Pereira dos; TORRES, Eneida Pena Pereira e COSTA, Beethoven Hortencio Rodrigues da. *Infância, escola e literatura infantil: livro para criança não precisa ser educativo*. Rev. Psicopedagogia. 33(101): 184-95, 2016.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: *MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola*. Ministério da educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SOUZA, Suely dos Santos. *O livro didático e as influências ideológicas das imagens: por uma educação que contemple a diversidade social e cultural*. 2014. 188f. Dissertação de mestrado acadêmico em educação. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2014.

SUÁREZ, Adolfo Semo. *Ensino que transforma: Princípios para um magistério de sucesso*. Artur Nogueira: Paradigma, 2013.

WALLON, Henry. *Origens do pensamento na criança*. São Paulo: Manole, 1989.

Zilberman R. Literatura infantil: livro, leitura, leitor. In: Zilberman R. (org.) *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990